

Conversas com a paisagem RAFAEL PAGATINI



Conversas com a paisagem

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari · 514 · *Campus* de Goiabeiras
CEP 29 075 910 · Vitória – Espírito Santo – Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 · E-mail: edufes@ufes.br
www.edufes.ufes.br

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Orlando Lopes Albertino
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial

Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glícia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Maria Helena Costa Amorim, Orlando Lopes Albertino, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretária do Conselho Editorial | Fernanda Scopel Falcão

Projeto “Paisagens gravadas em nós”

Coordenação Geral | Carla Borba

Produção | Carina Dias

Revisão de Texto | Fabrina Camilotti

Fotografia | Rafael Pagatini

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa | Adriana Tazima

Revisão Final | Gabriela Farias da Silva

APOIO



APOIO CULTURAL



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura



Esta obra foi selecionada pela Bolsa Funarte de Estímulo à Produção em Artes Visuais 2012.

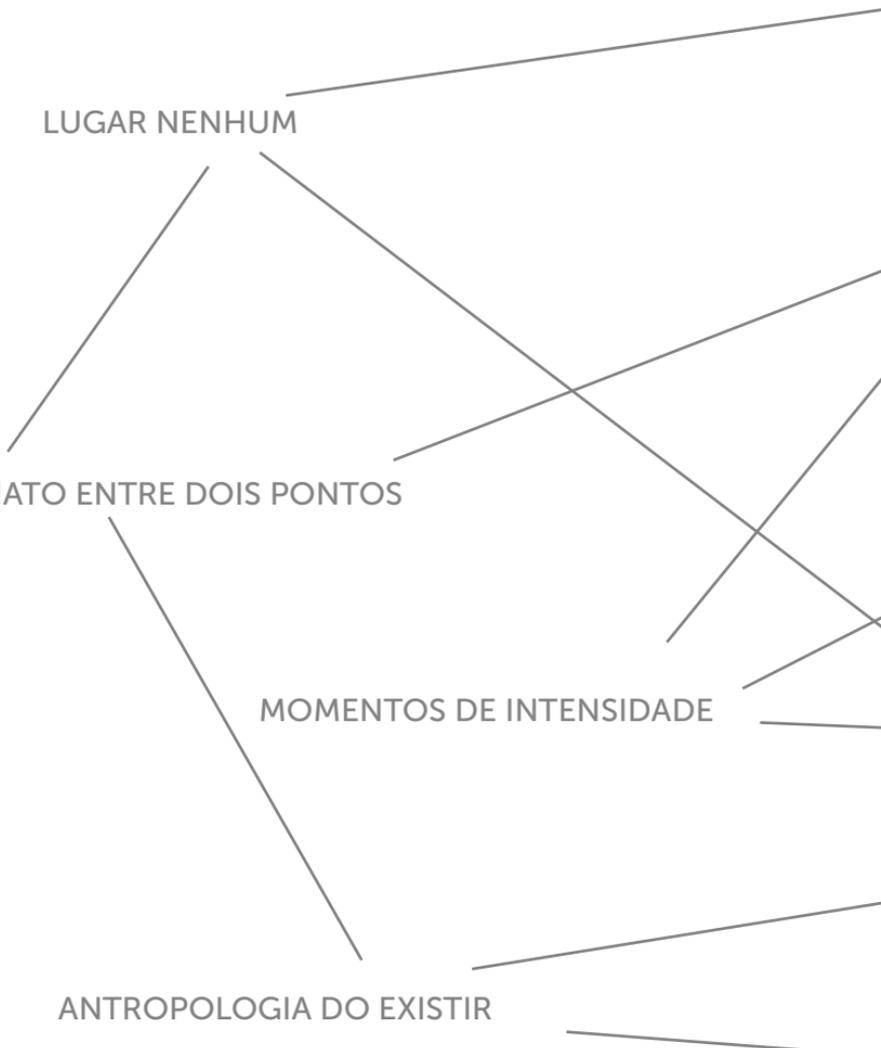
Conversas com a paisagem RAFAEL PAGATINI

LUGAR NENHUM

HIATO ENTRE DOIS PONTOS

MOMENTOS DE INTENSIDADE

ANTROPOLOGIA DO EXISTIR



O CÉU DAS ESTRELAS E A TERRA DAS UTOPIAS

RECIPROCIDADE

NARRADOR

RUMOS E DESTINOS





LUGARNENHUM

Viajar, transitar, percorrer, transladar, caminhar, deslocar, seguir, passar, perceber, refletir, analisar, conhecer, conversar. Cada uma dessas palavras manifesta o desejo de encontrar um território ao qual pertença, mas que, ao mesmo tempo, sinto não ser o meu. Assim, matas e rochas se tornam um convite ao diálogo, à troca entre o *eu*, os habitantes desses lugares e o meio natural. Observar e descobrir oferece a possibilidade da solidão oportuna, de identificar o silêncio primordial escondido entre os escombros do cotidiano e de sentir alívio ao perceber o quanto somos insignificantes perante o todo deste mundo, e de como, ao mesmo tempo, ainda resta o tudo dessa insignificância. Vagamos à procura de novas paisagens com o único intuito de nos redescobrirmos. Essa busca se inicia no momento em que giro a maçaneta da porta e saio do meu habitar, descobrindo não apenas relevos, climas e vegetações, mas também histórias e conversas com a paisagem.

O desejo de partir tem como objetivo criar impressões sobre espaços que, por algum motivo, estão presentes em minha imaginação. Esse fluxo se estabelece na forma de desarraigamento de todas as certezas e no movimento de busca contínua por descobrir na própria viagem o sentido da investigação. A arte mostra suas potencialidades quando consegue produzir não apenas obras materiais, mas também experiências que produzam tempo, que criem um diálogo com seu contexto social e político, e consigam transformar momentos finitos em possibilidades infinitas. Observar

a paisagem de diferentes regiões brasileiras através da janela de um veículo em movimento, considerando todas as possibilidades geradas a partir dessa situação, se constitui como um desejo de pensar o ato de criação a partir das vivências pelo espaço. Assim, o processo criativo se institui através do contato com locais, pessoas e histórias que eliminam as instruções burocráticas das criações já constituídas, cimentadas e consolidadas, possibilitando novas pesquisas, descobertas e percepções relacionadas à arte.

Tal como um manancial, a presente publicação flui continuamente, desemboca em lugar nenhum, local no qual a navegação de suas águas se torna o verdadeiro objetivo da travessia. É o resultado de uma série de investigações relacionadas à paisagem brasileira, realizadas no âmbito da Bolsa Funarte de Estímulo a Produção em Artes Visuais 2012. O projeto se constituiu em deslocamentos rodoviários que objetivam incitar reflexões sobre o processo de criação ao longo da passagem física pelo espaço. No contexto dessa pesquisa, foi articulada uma intervenção na sala de espera do Terminal Rodoviário de Porto Alegre-RS com o intuito de aguçar o olhar dos transeuntes para os aspectos poéticos desses espaços e de seu fluxo até a região do inesperado.

A estrutura de trabalho está baseada no diálogo com passageiros, nas possibilidades perceptivas relacionadas aos caminhos percorridos e na produção de fotografias. As anotações dessas experiências estabeleceram um elemento importante, pois as reflexões acerca dos diálogos, das

diferenças na geografia, no contexto social e econômico, observadas na condição de vagante, possibilitaram um rico campo de pesquisa. Outro elemento relevante foi o papel dos meios de locomoção, particularmente do transporte rodoviário, em uma perspectiva nacional. O sentimento de irremediável decadência desse serviço pode ser observado em vários momentos ao longo da narrativa, da mesma forma que as rotas de longa distância são, em sua grande maioria, realizadas por pessoas de baixo poder aquisitivo. As migrações entre as cidades também se estabelecem como objeto de análise pela variedade de configurações que abarcam, desde a busca por oportunidades de trabalho, tratamento de doenças, deslocamentos ocasionais ou mesmo a necessidade de encontros familiares. As interrupções e mudanças bruscas no texto manifestam que cada ruptura é sempre um recomeço da história.

Como pessoas que passam de um lugar a outro, o leitor é convidado a iniciar sua leitura e a criar seu próprio itinerário ao longo das páginas a seguir. Elas não foram numeradas justamente para possibilitar múltiplas ordenações e reconstruções. O deslocamento se estabelece na forma de núcleo da narrativa, materializando-se através da consciência das vivências e das histórias colhidas no decorrer dos encontros. As viagens representam um auxílio ao pensamento, torna-se metáfora da nossa própria existência, ao se estabelecer como processo de conexão com o mundo.





HIATO ENTRE DOIS PONTOS

A viagem inicia seu curso por Vitória-ES. A arquitetura da rodoviária do local possibilita o sopro de uma pequena brisa em seu interior. Tem-se a sensação de não estar em um local fixo, mas em um imenso toldo armado sobre construções retangulares geometricamente distribuídas, nas quais se vendem passagens, lanches, *souvenirs*. Percebe-se que a maresia que tanto afeta as construções da cidade ainda não promoveu seus efeitos no local, e o pó preto de minério que sutilmente decanta na sacada das casas também se faz ausente. Os acentos avermelhados fixados sobre blocos de granito destinados aos passageiros, apesar de moldarem o corpo, indicam certo individualismo e não promovem trocas, conversas e muito menos um possível local de descanso. Ao sul, a construção está à margem do rio, desse ponto existe uma bela paisagem do Porto de Vila Velha-ES e das pontes que ligam a cidade de Vitória ao continente. Próximo a esse espaço alguns operários tiram um cochilo após o almoço.

O ônibus está com menos da metade de seus acentos ocupados. No horizonte, os morros que envolvem a cidade se fazem presentes. As primeiras conversas são de dois passageiros sentados à minha frente, um viaja para o Piauí, o outro para o Pará. O senhor da poltrona da direita está voltando para trabalhar na construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte depois de uma temporada de descanso, carrega a esperança de fazer dinheiro, conta histórias sobre ações de índios para interromper a construção da represa,

dos altos preços da cidade, dos filhos que deixou para trás.

Outro passageiro, sentado na poltrona próxima à janela, numa fileira ao lado da qual me encontro, está viajando para o Maranhão cortar cana, mas voltará à cidade daqui a dois meses. Ele fala ao telefone com a namorada, pede para que ela o espere, que não o esqueça. Pelas suas conversas ao celular percebo que seu nome é Pedro, e parece ser muito religioso, pois a cada despedida fala aos amigos para orem por ele.

Aos poucos, por causa das curvas decorrentes do relevo, tenho a sensação de estar em um barco sacolejando de um lado para outro. Após uma hora de viagem, o ônibus para atrás de uma fila de carros, os passageiros ficam inquietos, as conversas se tornam mais nervosas e frequentes, ninguém sabe informar porque o veículo não sai do lugar. Nas primeiras poltronas, alguns passageiros criam hipóteses sobre as causas de nossa estagnação. A mais bem aceita é a de algum acidente que detém os veículos na nossa via, porque todos observamos invejosos a estrada ao lado, na qual o fluxo permanece contínuo. Depois de quarenta minutos, o ônibus volta a se movimentar vagarosamente. Quando parece que não tomaríamos conhecimento do que havia provocado nossa pausa forçada, avisto um caminhão carregado com trigo tombado na pista.

Paramos para almoçar em Realendo-ES e, devido ao pouco tempo disponível, todos se alimentam com muita pressa. Enquanto alguns comem, observo outros passageiros



enchendo marmitas descartáveis de alumínio para levar para o ônibus. Alguns não comem todo o alimento, guardam um pouco para o longo do percurso. Um pouco antes dessa pequena pausa, as duas crianças pequenas que estão no ônibus – até então silenciosas – acordam. Talvez pela fome que todos de alguma forma sentem e pode ser notada no barulho dos pacotes de biscoitos sendo abertos. As duas meninas gritam alto e chamam a atenção de todos. Após uma pequena briga, uma fala para a outra com uma súbita agressividade infantil: “Não faz isso senão furo tua barriga e coloco todo teu bucho para fora!”. Depois que a criança profere essas palavras, a mãe olha constrangida para os outros passageiros e repreende a menina com tom sereno e apaziguador, dizendo que era feio falar aquelas palavras para a irmã.

Levanto para fotografar a paisagem e uma senhora, ao notar que direciono a lente da objetiva para o exato local no qual ela foca seu olhar, diz o quanto é instigante aquela imagem dos dois morros se encontrando no horizonte. Uma fotografia se torna emblemática nessa viagem: ela mostra uma ondulação do relevo – que até então se apresentava apenas com árvores – ser completamente tomada por casas populares. Quanto mais aumenta a distância de Vitória e Belo Horizonte-MG se aproxima, mais os verdes dos morros são interrompidos por clareiras.

Às quinze horas praticamente não existe mais conversa, a fadiga assola a maioria, e cada um dos passageiros se remexe na poltrona tentando encontrar uma posição

confortável para descansar. As crianças emitem alguns grunhidos ao serem repreendidas pelos pais depois de tentarem sair de seus acentos. Sem poder liberar energia, o tempo vazio da espera oprime-as. Após oito horas de viagem, o cheiro do banheiro já impregna todo o veículo.

Chegamos quase duas horas após o horário previsto, além disso, a rodoviária na qual desembarcamos era provisória, pois a atual não comporta o número de veículos diários. Dizem que estão iniciando a construção de uma nova, que ainda não saiu nem da terraplanagem. Chego a Belo Horizonte, mas desembarco em um local estranho que não se parece em nada com um terminal rodoviário.

Rumo de metrô até o centro da cidade, onde entro em um táxi até o local no qual irei pernoitar. No caminho, converso com o taxista e descubro que a estrada entre Vitória e Belo Horizonte é conhecida por alguns como a “estrada da morte”, pelo número elevado de acidentes que nela ocorrem. Concordo com ele quando fala sobre o mau estado da rodovia, e conto sobre o caminhão atravessado na pista, argumentando que o que faz a estrada ser perigosa é a pista estreita e a ausência de acostamento em muitos pontos, sem falar na existência de muitas curvas, as quais são um risco frequente aos viajantes. Nesse horizonte, consigo materializar em imagem, através de suas nuances, formas, desenhos de um oceano de pedra, morro e mata em um grande degradê de cores, que dão o nome do relevo de mar de morros. O taxista ainda me diz que foi difícil arrumar um





terreno para abrigar a nova rodoviária em Belo Horizonte, segundo ele porque normalmente ao redor desses locais sempre ficam mendigos, andarilhos, prostitutas, bêbados e vagabundos, pessoas que ele não considera de bem. Além disso, ele faz uma comparação com os aeroportos, dizendo que nesses locais é diferente. Penso nessa comparação e imagino se não é justamente por esse fato que as rodoviárias me parecem mais fascinantes. Essas pessoas não têm zelo em perder seu tempo, vagam de um lado para o outro, o ambiente urbano é seu cenário e os terminais rodoviários sua morada.

Após um pequeno descanso, lembro-me dos outros passageiros que continuaram a viagem, passando por vários estados até chegar a Belém. Quantas histórias eles teriam para contar, penso em como poderiam ser suas vidas e desejo cruzar com algum deles na minha viagem a Belém. Decido que no próximo trajeto conversarei mais com os outros passageiros, tentarei romper minha timidez e escutar suas histórias para poder compreender quem habita aquele hiato entre dois pontos demarcados em meu mapa e que, como eu, carregam suas vivências, memórias e desejos. Os ambientes naturais assim se transformam em diálogo entre diversos pontos de vista, entre os olhares daqueles que lá vivem em suas experiências cotidianas e nas histórias narradas envolvendo aqueles cenários.

Visito um mirante de onde observo a cidade de Belo Horizonte. Lá, pensamentos de como naquele espaço

olhamos para nós mesmos, para a nossa construção cultural e social, nos medindo na imensidão, começam a se tornar cada vez mais fortes. De um lado, observa-se a praça na qual alguns moram, do outro, atrás de um prédio, a casa de um amigo. Lembro-me de que no mês passado fomos passear naquele morro, das conversas geradas através do horizonte, do cenário onde vivemos nossas histórias.

Já é noite. Parto da cidade conseguindo visualizar apenas as luzes das casas. Quanto mais nos distanciamos, mais elas diminuem, até sumirem completamente na penumbra da noite. Aos poucos, somos um ponto luminoso em uma linha escura que corta Minas Gerais. A paisagem se materializa no colorido das luzes alaranjadas, brancas e rosáceas dos postes que vamos deixando para trás. Os faróis dianteiros abrem caminho e iluminam a vegetação à beira da rodovia. Essa passagem pela capital mineira revelou-me como os encontros ocorrem nos momentos mais inesperados, como nos apaixonamos tão rapidamente e esquecemos por instantes todo o peso de nossos compromissos e de nossas relações, abrindo-nos para as surpresas do mundo, além de propiciar situações em que nos vemos em um enredo e nas quais criamos memórias, marcas em nossas vivências.



O CÉU DAS ESTRELAS E A TERRA DAS UTOPIAS

Diferente do trajeto anterior, o ônibus para Brasília-DF está praticamente lotado, chego com cinco minutos de atraso, o motor dá os primeiros roncões e o motorista se prepara para fechar a porta que dá acesso aos assentos. Correndo, carrego uma mochila e uma bagagem de mão, não consigo proferir nenhuma palavra, minha respiração estava profundamente ofegante devido à correria e ao nervosismo que sentia ao imaginar que havia perdido o horário. Após entrar no veículo, sou envolvido por uma estranha falta de fluência com as palavras e respiro durante trinta segundos para conseguir proferir meu agradecimento ao condutor. Todos me olham, talvez imaginando os contratemplos que poderiam ter acontecido com aquele passageiro todo suado e que o deixaram naquele estado, e que por pouco não o fizeram perder a viagem. Essa imagem do ônibus partindo e do passageiro esbaforido, gesticulando para que não seja esquecido, desejando que aguardem a sua chegada para que possam partir é, para mim, a que considero mais cativante nesses terminais. Nesse gesto existe um espírito de solidariedade que seduz e que não está presente em todos os locais.

Ao comprar o bilhete para Brasília, senti uma pequena frustração ao descobrir que apenas existiam itinerários noturnos até a cidade. O objetivo de visualizar a paisagem ficaria totalmente às escuras. Essa pequena desilusão de não conseguir ter contato com o que ainda resta do cerrado deu espaço ao espetáculo das estrelas. Milhões, bilhões

cintilando na obscuridade da paisagem, e por alguns momentos tive a sensação de que o ônibus trafegava entre galáxias, algo extraordinário demais para não compartilhar, um encanto promovido pela ausência completa de luz nas proximidades da estrada. Criei desenhos ligando as mais resplandecentes enquanto o veículo seguia mergulhando na escuridão. Praticamente todos dormiam envoltos pelo edredom oferecido pela empresa, e os que se mantinham em estado de sonolência como eu, mergulhavam no espesso silêncio das estrelas, algo genuinamente impessoal. A passageira ao meu lado comentou sobre o esplendor da noite e tentamos em vão descobrir constelações. Nesse momento em que buscávamos encontrar formas por nós conhecidas, visualizei uma estrela cadente, com um matiz amarelo, núcleo brilhante e familiar arrastando o seu invólucro de fogo, criando um pequeno rastro que logo desapareceria.

Entre as rodoviárias pelas quais passei, a interestadual de Brasília é uma das mais modernas e organizadas. Apesar das suas modestas dimensões, em sua área central pode-se sentar para um pequeno descanso ou saciar a fome. Um painel enorme nos oferece uma visão panorâmica da capital federal e parece ostentar orgulhosamente a paisagem que apresenta. Apesar do espírito moderno, a sensação de ter contato com algumas histórias contrasta com a organização e a limpeza que emana daquela construção. No banheiro, escuto o homem da limpeza narrando como havia sido a morte de seu parente, com dois tiros no tórax e um na

cabeça. Outro fala ao telefone com a mulher e parece estar profundamente triste, pois ninguém fora recebê-lo após sua saída da clínica de recuperação na qual ficara internado por cinco meses. Quantas histórias escorriam entre as fissuras do concreto e das utopias daquele local?

Ao conversar com uma senhora que toma um pequeno café enquanto aguarda seu ônibus para o Rio de Janeiro, descubro que existe outra rodoviária, destinada ao tráfego interurbano e metropolitano. Nesse instante, toda a continuação do diálogo parece desaparecer através de uma nuvem de palavras, já que a curiosidade por esse outro espaço inquieta meus pensamentos, anulando todo o interesse pela pessoa. Desloco-me até o outro terminal rodoviário e o primeiro contato é impactante. Diferentemente da rodoviária interestadual, na qual a serenidade parecia presente, nesse novo cenário sou tomado pela sensação de caos. Encontro uma multidão indo de um lado para o outro, veículos se locomovendo em alta velocidade, quiosques e lojas com os mais variados serviços e produtos, iluminação precária, o cinza envolvendo todo espaço, além de sujeira e aglomerações. Após pequenas incursões pelos corredores, uma imagem se destaca: a cadeira de engraxate com objetos meticulosamente distribuídos ao redor, feita de folhas de compensado pintadas de preto fosco, no qual se ressaltam alguns números telefônicos em amarelo, provavelmente do proprietário, além do dizer “Engraxate Galego”. Aproxime-me da cadeira pela sedução ao imaginar que aquela forma

poderia conter um breve relato da história daquele espaço e, como tal, da paisagem da cidade. Ao observá-la, imaginei por segundos que ela havia nascido ali, habitava aquela coluna na qual encontrava repouso e, ao mesmo tempo, escondia a mangueira para incêndio. Mais dois passos à frente e um homem usando óculos com aros finos, boina, camisa polo com uma caneta pendendo entre os botões abotoados questiona sobre meu interesse. Ao conversarmos durante trinta minutos, ele se apresenta como Galego, o engraxate, e questiono se conhece a história do Terminal. Com um sorriso e uma voz estridente diz que ali era o marco zero, o ponto de cruzamento das vias que definem o traçado da cidade, e que havia sido projetado para ser o centro da vida urbana e cultural da cidade. Galego mora em uma cidade satélite, mas trabalha na estação há mais de trinta anos, conhece muitas histórias, mas não gosta do espaço, acha que é mal administrado, e narra uma série de problemas ocasionados pela falta de bebedouros, de guarda-volumes, de banheiros para tomar banho, além de afirmar que tudo aquilo apenas serve para ganhar dinheiro. Narra ainda sua revolta com o transporte público, os ônibus circulando com pneus carecas, os motoristas e cobradores mal educados, sem falar na sujeira e na poeira que impregna os veículos. Após alguns minutos descarregando sua ira, Galego respira fundo, olha para frente de forma melancólica e sussurra que gostaria de mudar-se para outro local. Então questiono: por que não pega a estrada? Ele responde que nasceu em

Santos-SP e havia se mudado para Brasília ainda jovem, na esperança de uma vida melhor, e que mesmo depois de trinta anos ainda era difícil assimilar o fato de que seu sonho havia proporcionado outros caminhos, balbuciou ao desejar que a sua vida fosse outra, como as marés, determinadas pela lua e não pelas suas utopias.

Depois dessa conversa, saio caminhando por uma trilha com a esperança de conhecer brevemente o espaço urbano da cidade. O sol forte e o calor aos poucos oprimem meu humor e a vontade de andarilhar. Não vejo ninguém, estar no eixo monumental da cidade se assemelha à sensação de estar em um deserto, no qual a grama queima sobre o fundo vermelho do solo, e sinto-me intimidado pelos carros que me envolvem por todos os lados.

Por duas horas percorro os caminhos do Museu Nacional até a praça dos três poderes. No vazio do local, um gari recolhe vagamente papéis espalhados pelo gramado, contrastando com o entardecer dourado que, aos poucos, se transforma em cor de malva e vai enegrecendo. Na paisagem há um ar de sonho envolvido por uma austeridade impiedosa. Em frente ao Palácio do Planalto, escuto o alarde dos batedores do exército bloqueando o trânsito caótico para que o carro oficial da presidência possa passar. A poucos metros, uma repórter se prepara para seu depoimento diário, personagens encenando seus jogos políticos e midiáticos. Logo após o cortejo dos carros oficiais, o último para, e o vidro da janela do motorista desce, criando um ruído

mecânico familiarmente ritmado. De seu interior, longas falanges compridas e finas fazem um leve aceno indicando a aproximação da jornalista. O condutor tenta criar um ambiente de discrição e apaga as luzes internas do veículo para que o parlamentar sentado ao seu lado possa desfrutar da penumbra do automóvel. Após algumas trocas de palavras, o curto encontro se dissipa e cada um retorna às suas posições.

Atores se preparam para o próximo movimento e a paisagem se transforma em cenário, no qual mesmo estando a cinco metros daquele tablado histórico sinto pertencer a outro universo. Faço esforços para recordar meu lugar na história da minha própria existência, e ao ver seus dramas me transformo em um espectador de outras vidas, a moldura do televisor se transfigura nos aros de meus óculos, o silêncio se torna cada vez mais espesso, e nem mesmo o ronronar dos ônibus consegue penetrá-lo. Sinto-me impotente. Não pela impossibilidade de conseguir acompanhar o desenrolar da história, mas pela consciência de que aquele espaço não me pertence, e os seguranças da guarita bloqueando a passagem são os maiores exemplos de que aquilo que supostamente é de todos não faz parte de mim.

Volto para a hospedagem caminhando, pois quero observar as estrelas que haviam cativado meu olhar na estrada. Infelizmente, as nuvens envolvem a noite. Essas nuvens, somadas à luminosidade e à poluição da cidade, ofuscam meu desejo. Ao passar por uma banca de alimentos, peço uma garrafa d'água e um chocolate a uma



senhora que, melancolicamente, observa algo distante no interior de seus pensamentos. Com um olhar vago e as pálpebras semiabertas, ela permanece sentada com o corpo encolhido em um pequeno banco de plástico. Após alguns instantes tentando retirá-la do seu estado de inércia profunda, percebo que escuta meus apelos ao abandonar sua forma semiescultural quando movimentada os olhos em minha direção. Levanta e entrega a garrafa com uma das mãos, enquanto que com a outra retira da caixa, localizada às suas costas, duas barras de chocolate. Questiono dizendo que gostaria de apenas uma. Nesse exato instante ela dá um suspiro triste e fala com a voz suave que adora chocolate, fazendo-me perceber que uma daquelas guloseimas é para ela. Diz com os olhos levemente pendendo para baixo: “Obrigada, meu marido era chocólatra, morreu há dois anos, adorava chocolate”. Percebo que suas palavras são ditas não para agradecer pela compra, mas porque a situação havia despertado nela uma lembrança.

Durante o café, converso com um dos proprietários da hospedagem. No alto dos seus um metro e noventa e do leve sobrepeso, afirma que o albergue é um investimento recente, mas que trabalha em uma empresa especializada em pulverização de lavouras de soja, milho e feijão. Afirma ainda que essa mesma empresa está mudando de foco, pois existe muita demanda para combater incêndios florestais e que já haviam inclusive conseguido um contrato com algum órgão do governo. O proprietário manifesta que a região em

que há mais trabalho é o oeste da Bahia, ou seja, é local em que há mais incêndios. Conversamos durante uma hora e questiono sobre o fato de a cidade ser muito seca, pois havia notado muita poeira sobre os carros. Ele me diz que o mês de maio é o início da temporada de seca, e que voltaria a chover somente em setembro. A partir dessa informação imagino que o verde ainda presente na cidade em um ou dois meses se transformaria em um amarelado desbotado e, após, em um marrom de folhas secas.

Sento próximo a um arbusto que cria uma leve sombra sobre o solo. Decido não fazer nada, apenas observar os acontecimentos do entorno, ter a oportunidade de sentir, perder, viver tempo, de forma a encontrar naquele espaço uma alegria primária totalmente oposta ao movimento da cidade, à imposição do labor, do carro, do dinheiro, das manchas negras das pessoas de um lado ao outro, esquecer o futuro vago, incerto, indefinido, e ficar ali, viver apenas o presente. Meu perder tempo se assemelha a um protesto por não desfrutar a cidade. Fecho os olhos e fico à deriva, escutando sons, imaginando histórias, sendo conduzido pelas correntes do pensamento. Ali jogado na poeira do barro, observo uma mulher que passa a alguns metros, com um livro amarelado no qual consigo observar em espessas tipografias o título “Como voltar a ser gente que vive em grupo?” A pergunta parece encontrar um eco em minha própria condição, ou seja, a de estar perdendo tempo, e penso que é nas conversas a esmo e nas amenidades que

trocamos com o outro pelo prazer de estarmos em grupo.

Aos pés de um mirante conheço Carlos, senhor alto de bigode grisalho e cabelos emaranhados que trabalha como marceneiro, tem mãos espessas marcadas pelas farpas da madeira e por cicatrizes de acidentes com a serra. Nosso diálogo é uma aula sobre a história daquele espaço, pois ele conhece profundamente cada avenida, por ter vivido boa parte das transformações da cidade. Conta histórias sobre o projeto inicial da capital federal, no qual existiam apenas dois eixos cruzados, sendo que, mais tarde, um deles teria sido arqueado devido à construção de um lago, ganhando assim, por acaso, a forma de um avião. Carlos exprime ainda sua opinião sobre a arquitetura da cidade, dizendo que ela é pura expressão de arte e não tem nenhum significado. Fala que, ao olhar para aquelas construções percebe elementos familiares, mas sente que a grande maioria deles são apenas forma. Questiono se a arte também não é conhecimento, e ele responde que poderia ser, mas que gosta mesmo de observar aqueles prédios e não pensar em nada.

Enquanto preparo a partida, encontro o outro proprietário da hospedagem. Como professor de História, ele tenta envolver meus ouvidos em um diálogo tortuoso com referências sobre o local, desde a construção da capital federal até as cidades do entorno. Percebo um afastamento, pareço entrar em um turbilhão, em um mar de informações que, ao invés de seduzirem, sugam e criam desnorteamento. Ao escutar suas palavras sinto a forma de diferentes

gabaritos transcrevendo linhas de um vocabulário preciso, a cada sílaba tomo consciência dos mecanismos de controle em seu discurso e das instruções burocráticas em sua independência criativa. Nas outras vozes ecoavam ruídos, esboços, palpites, olhares do tempo transcritos tanto na flanela do engraxate como no pó acumulado entre os tacos de madeira do marceneiro. Nessas conversas havia uma latência presente em cada acontecimento, seus discursos se comportavam como hematomas pulsantes, relevos moldados pelo vento, lembranças de experiências vividas.





MOMENTOS DE INTENSIDADE

A rodoviária interestadual de Brasília possui um sistema de embarque que diminui o contato entre as pessoas e retira todo o encanto dos momentos de despedida. A sensação é de estar em um aeroporto, já que há um espaço segregado para embarque, o qual as pessoas que nos acompanham não podem acessar. Aquele último adeus da janela não existe mais, ficamos à espera do ônibus sozinhos, em um local austero, velados por lâmpadas fluorescentes e sentados em bancos frios de concreto.

Na espera pela partida, conheço Dona Creusa, uma senhora com oitenta e dois anos de pequena estatura e constituição robusta, acompanhada de seu filho, um senhor de cinquenta anos deficiente visual que, quando senta, fica com o tronco curvado para baixo. Dona Creusa me diz que vai para Paraíso de Tocantins, mora em Brasília e gosta muito da cidade, mas sempre que consegue viaja para visitar a filha.

O ônibus que faz o trajeto até Belém possui alguns problemas estruturais. O principal deles é o tampo do ar condicionado que, pendendo para baixo, atrapalha a circulação no corredor do veículo. Além disso, o ônibus está tomado por um cheiro marcante, uma fragrância doce e barata que certamente tem como objetivo maquiagem o odor original.

Devido ao grande número, as pichações no Terminal Rodoviário de Taguatinga-DF parecem se misturar à arquitetura. Algumas pessoas circulam entre o aspecto noturno levemente iluminado pelas poucas lâmpadas fluorescentes e os dejetos diários espalhados pelo chão do

lugar. Tiro algumas fotos. O motorista, um jovem nervoso com as sobrancelhas levemente apertadas, me observa pensativo até que rompe a barreira de seus pensamentos e questiona, com certa indignação, porque fotografo um lugar feio como aquele. Respondo que independente da percepção sobre o espaço, aquele é um local no qual eu estava passando e queria ter um pequeno registro, pois estava ali.

À medida que a viagem tem seu curso, passamos por algumas cidades e o meio urbano ganha cada vez mais um aspecto de cidade pequena e de zona rural. Depois de Anápolis-GO, paramos quinze minutos na cidade de Rialma, ainda em Goiás. A rodoviária parece um lugar fantasma, e no interior do espaço há um pequeno salão vazio banhado pelo tom alaranjado das lâmpadas de sódio. As telhas de brasilite aparentes dão um aspecto modesto à construção, e os ladrilhos hidráulicos da plataforma ostentam o nome da cidade.

Em uma parada para descanso de quinze minutos no meio da madrugada, entre palavras jogadas ao vento com o motorista, uma mulher com traços indígenas, corpo curvado para frente, levemente trêmula e aparentemente segurando um lenço junto ao peito desce do veículo. Quando percebe que estamos observando-a, afirma que entrou no ônibus errado, e segue seu caminho. No semblante do motorista cresce um olhar sínico ao afirmar que ela não havia entrado por acaso. Sinto um aperto no peito quando percebo que a grande maioria dos passageiros estava dormindo e que ela poderia facilmente ter efetuado algum furto.

Apenas metade das poltronas do ônibus está ocupada, possibilitando a cada passageiro o conforto de ter à sua disposição duas poltronas. O ambiente natural se transforma a cada quilometro rodado, as árvores ficam maiores e a terra começa a ondular e inflar. Não consigo contato com os outros passageiros, todos parecem muito cansados para qualquer tentativa de diálogo. Os primeiros indícios da existência de gado e os grandes campos abertos para plantação surgem quando avisto fábricas e placas de ração animal, além de frigoríficos. Também impressiona o número de fazendas, parece que toda a vegetação nativa foi derrubada para que o gado pudesse pastar. Um atrás do outro, esses espaços transformam completamente a paisagem da região.

A chegada à rodoviária de Paraíso de Tocantins-TO é contrastante, pois a cidade possui um nome que nos remete a um lugar agradável e prazeroso, mas a realidade do local não condiz com esse nome. Parcialmente preenchidos pela água acumulada da chuva, os buracos das ruas se assemelhavam a crateras, e o asfalto ondulado provoca trepidações em toda a extensão do veículo. Dona Creusa faz um pequeno aceno de despedida desejando boa viagem. Com os óculos tortos e um aspecto de cansaço depois de uma noite chacoalhando, ela desce do ônibus com o filho.

A poltrona reclina e o passageiro sentado à frente ergue um dos braços, colocando a mão esquerda embaixo da cabeça. Nessa posição, consegue-se observar o seu cotovelo e parte do antebraço. Sobre a pele abre-se uma grande





ulceração que parece já estar em processo avançado de cicatrização. O ferimento deve ter sido profundo, pois abre um vale na epiderme. As crostas de pele em tons marrom escuro indicam que o processo de reconstrução estava para ocorrer em breve. Como as clareiras na mata que a floresta volta a ocupar, a pele humana também se reconstrói e alguns processos de erosão não deixam cicatrizes.

Pela janela passam um grande número de torres de alta tensão que seguem na direção da rodovia. Sobre alguns morros podem-se observar algumas enormes, gigantes que contrastam com a paisagem e parecem esculturas de povos primitivos a alguma divindade.

Tenho dificuldade em escrever, pois apesar de a estrada ser asfaltada, o ônibus todo balança pelo grande número de buracos. Uma palavra escrita no momento de vibração torna-se algo indecifrável. Qualquer relato sobre a viagem se assemelha a um ruído de vento distante, um ronco surdo que vem dessa experiência que o sentido não consegue transmitir e que apenas o estar naqueles espaços consegue produzir. Há um sentimento ambíguo de frustração e admiração, pois muito do que fora imaginado não era de fato realidade, ao mesmo tempo em que absolutamente tudo era passível de criar momentos de intensidade. Existe um abismo que se interpõe entre a ideia e sua realização.

Na parada para o almoço, as conversas começam a se intensificar, me aproximo, sento numa cadeira vazia e escoro os braços em uma mesa na qual estão dois

passageiros que viajam para Belém. Um deles trabalha em Anápolis, em um almoxarifado, e está indo visitar a mãe doente. O outro mora em Goianésia-GO, mas viaja por todo o Brasil para instalar cabos de fibra ótica. A conversa gira em torno de nosso itinerário até a parada e da nossa passagem por Tocantins. Falo sobre as fazendas e eles afirmam que se planta principalmente arroz, soja e milho, além das criações de gado. Eles devolvem minhas inquietações e perguntam o que eu fazia da vida, disse que era artista e professor. Nesse instante um deles, o mais alto e com maior estrutura física, fala baixinho, entre uma garfada e outra, para que eu não escute: “Corajoso você, ser professor no Brasil não é fácil e artista ainda pior!” Abro um sorriso condescendente. O motorista buzina no pátio do estacionamento, alertando sobre a partida. No interior do veículo ocorre a contagem dos passageiros. Com todos os passageiros alimentados, uma estranha alegria envolve o veículo, a mesma que se faz presente quando grupos completamente heterogêneos se reúnem e conseguem conviver em harmonia.

A solidez da paisagem funde-se com a construção cultural e social que a envolve. Todos no interior do veículo observam as variações no relevo, a diversidade da fauna e da flora, mas cada percepção através da janela não se estabelece apenas pela observação. Cada sentido possibilita o acesso ao conhecimento; tato, olfato, paladar e audição são elementos indispensáveis e reagem de forma distinta em cada passageiro. Da mesma forma, a conversa também passa a

ser uma possibilidade de descoberta, pois quando existe diálogo além das trocas nota-se a presença de múltiplos horizontes, os quais vão se somando, se sobrepondo, acumulando experiências e percepções. Diferente da contemplação, a conversa promove a inclusão de todos os sentidos, percebemos que estamos contidos no mundo, superamos a relutância do eu e como atores nos vemos em uma cena cujo sentido tentamos adivinhar em conjunto.

Na parada em Paragominas-TO abro o mapa sobre a mesa de plástico da lancheria e converso sobre o trajeto percorrido. Usando um pequeno chapéu de palha, um senhor que até o momento não havia manifestado nenhuma palavra resolve demarcar no mapa os exatos locais pelos quais havíamos passado desde Brasília. Com uma caneta esferográfica vermelha na mão esquerda, traça círculos ao redor dos nomes das cidades e uma linha que indicava como a rodovia Belém-Brasília transforma sua numeração conforme vamos nos deslocando. Empolgado com o clima de investigação que se instaurou após metade dos viajantes ficarem ao redor da mesa escutando suas palavras, ele resolve narrar sua história sobre a construção da rodovia. Primeiro precisa conter a empolgação que o atrapalha e o faz se enrolar com as palavras, além de misturar raciocínios. Após concentrar-se, afirma que o objetivo inicial da estrada era promover o desenvolvimento no norte do país. Ela fora construída após a capital federal, com a intenção de possibilitar o acesso a Belém, visto que até aquele momento só era possível alcançar a cidade através

de trem ou pelo rio. Continuou dizendo que a isso estava vinculada a criação da extinta SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia), a qual tinha como objetivo utilizar a vasta extensão de terras disponíveis no local com o incentivo de dinheiro público, além de empregar a mão de obra barata de pessoas que ficaram desempregadas após a conclusão da construção de Brasília.

Conforme avançamos, o clima seco e úmido provoca pequenas pancadas de chuva. A forte umidade embaça o vidro do ônibus, algumas gotas escorrem na diagonal, de cima para baixo, criando trilhas que cruzam toda a extensão da janela até a lataria. Algumas vezes atrás da poltrona discorrem sobre o mal que atinge o Brasil, identificando-o em doenças como o câncer e a depressão. O homem de aparência mais jovial manifesta forte influência religiosa, e a cada momento Deus é citado como instrumento de moralidade. A conversa se prolonga e todos os assuntos para os quais o diálogo se direciona tem na graça divina o fim desejado. Do rádio saem notas musicais que se misturam ao ruído das frequências mal sintonizadas. Na cabine do motorista, a estrada segue distante, serpenteando o relevo. Em ambos os lados observa-se plantações e mais plantações, muitas se perdem no horizonte, o verde da mata nativa parece apenas reluzir no arroz ainda em fase de maturação. A rodovia até a divisa com o Maranhão ainda é trafegável e, segundo o motorista, o segredo é não desviar dos buracos. Entra-se neles para que seja possível andar com o mínimo de estabilidade.





RECIPROCIDADE

A chegada a Belém ocorre com quase quatro horas de atraso, e o trânsito na cidade ainda impossibilita o acesso à rodoviária, aumentando em mais algumas horas o tempo de viagem. Todos estão esgotados, o corpo dolorido, os pensamentos lentos e o peso da bagagem dificulta a locomoção. Antes de seguir seu caminho, a grande maioria dos passageiros olha para trás, talvez com aquele sentimento que nos ocorre quando saímos de algum lugar e temos a sensação de que estamos esquecendo algo, ou buscando apenas um sutil e introspectivo momento de despedida. O ônibus, agora esquecido, possui apenas os resquícios de uma longa viagem encarnada nos pneus gastos, no farol esquerdo trincado e na sujeira que o envolve. Seu interior vazio contém apenas os dejetos deixados por seus recentes habitantes, como resto de alimentos espalhados pelo chão misturados com embalagens de salgadinhos, papéis de bala, garrafas plásticas e cascas de banana.

Na rodoviária movimentada, alguns quiosques situados no centro do espaço vendem desde bijuterias até celulares, e as bancas localizadas nas laterais da porta de entrada oferecem alimentos. O acesso aos terminais de embarque e desembarque, assim como ocorre em Brasília, também é demarcado por grades, catracas e fiscais que permitem apenas o acesso de quem possui passagem. Outra possibilidade para adentrar no espaço é adquirir um bilhete, mediante pagamento de uma “Taxa de Acompanhante”.

Uma vendedora de fotos para chaveiros tenta me

convencer a comprar um dos seus produtos e, ao invés de me afastar, resolvo conversar com ela, questionando-a sobre a história da cidade. Ela responde que não sabe muito dessas coisas, mas lembra-se de que os portugueses vieram para Belém para ver os índios, comer a comida típica e a caça para, posteriormente, iniciarem a construção das casas. Perguntei seu nome, respondeu com um sorriso que era Thaissa, e me aconselhou a ir no Ver-o-Peso, o local mais importante da cidade, segundo ela.

Entre ruas estreitas encontro o caminho para o mercado do Ver-o-Peso. A primeira impressão é o contraste entre os barcos amontoados no cais e os urubus em busca de alimentos. O cheiro forte de peixe envolve o ambiente, alguns vendedores distribuem seus produtos em pedaços de papelão dobrados sobre caixotes de madeira. Ali, em uma região de concreto em que um passante me diz se chamar *Pedra*, tentam convencer os clientes a levar o peixe fresco, limpam o pescado com um facão afiado atirando a cabeça do animal e tudo o que não aproveitam no rio. Converso com um *peixeiro*, um senhor sorridente que ostenta várias guias de umbanda envolvendo o pescoço. Ele diz que trabalha há mais de trinta anos na feira, e que para ele Belém é o paraíso, pois “aqui tem tudo, olha ao seu redor, tem tudo, peixe, fruta, verdura, farinha, mulher bonita, feia, tem tudo.”

Ando mais alguns metros e converso com um pescador que se balança na rede do convés em um barco ancorado.

Afirma que é de Óbidos-PA, e que fica três meses no mar trabalhando e depois uma semana em casa para descansar. Com voz firme, diz que está nessa lida há mais de vinte anos, e fica empolgado quando diz que está levando três mil reais para a família. Em sua pele é possível perceber o queimado do sol.

Aproximo-me das bancas de frutas e verduras e observo um homem que aparenta ter cerca de cinquenta anos. Seu olhar é inquieto, seu corpo volumoso e está visivelmente acima do peso. Suas feições são marcantes e seu rosto é arredondado. O cabelo cortado em estilo militar contrasta com o bigode branco, alguns fios espessos se destacam na sobrancelha e em sua testa o suor escorre, enquanto fica sentado embaixo do forte sol do meio dia, usando uma camiseta preta toda encharcada. Inicio um diálogo tendo como elo de comunicação o estranho ajuntamento de formas que, aparentemente, secam ao sol sobre o concreto. Inicialmente penso que são peixes, mas quando me aproximo tenho a impressão de que parecerem pedaços de filés de frango mal passados e amarelados de diferentes tamanhos e formatos. Ele diz um nome estranho, mas pela sua descrição compreendo que são as bexigas natatórias de peixe. Com um sorriso farto, no qual consigo observar os seus caninos e molares, e forte sotaque, pelo qual se consegue distinguir a origem de seu castelhano, diz que os japoneses e chineses pagam muito bem por esse produto e que acha esse fato muito estranho. Na sua opinião, deve haver algum

objetivo oculto, algo como uma bomba atômica feita a partir desse produto, pois são vendidas toneladas a preços elevados e, segundo suas palavras, “esse pessoal de olhos puxados são muito espertos”. Aos poucos, nossa conversa passa a se concentrar em suas histórias. Primeiramente, diz orgulhoso seu nome: Alfonso Morales, e afirma que chegou a Belém há dez anos em um barco que transportava uma grande carga de arroz. Alguns indonésios que faziam parte da tripulação contrataram um advogado e conseguiram que o comandante vendesse o barco. Alfonso ganhou um bom dinheiro, mas gastou tudo em festas, mulheres e com os amigos. Contou algumas histórias sobre suas viagens pelo mundo, iniciadas nos anos 80, falando sobre aeroportos com os aviões Concorde e do surpreendente crescimento de Cingapura. Em um determinado momento, sua voz fraqueja quando começa a falar sobre a família, suas pupilas caem e a cada palavra seu olhar se torna mais melancólico. Quer voltar bem para o Panamá, pois ninguém sabe que ele perdeu tudo e que agora se encontra doente e envelhecendo, trabalhando como ajudante nas bancas de peixe. Faço um sutil cumprimento e sigo entre algumas bancas da feira livre enquanto ele fica a espera do homem do jogo do bicho.

Após o almoço, contemplo a Baía do Guajará, suas águas, a outra margem. Lembro-me da frase de um pequeno cartaz colado em um poste das ruas estreitas localizadas próximo ao local no qual me encontro: “viver é ser outro”. Que mistérios guardam essas palavras que me fazem

tentar deduzir algum sentido oculto em sua simplicidade linguística? O que me separa do outro? Escuto em minhas palavras a voz do rio, a impossibilidade da volta, do fluxo perpétuo do tempo, o mergulho no rio de Heráclito que nunca será o mesmo pelo movimento contínuo de suas águas, tal como nós também não seremos os mesmos quando nos banharmos pela segunda vez no rio. Não entramos duas vezes no mesmo rio, como também não tocamos duas vezes nenhuma matéria, pois o mundo está em constante devir, em curso, troca, mobilidade. O outro é o que fica desse torvelinho do tempo, mas que apenas conseguimos observar como ruína que se reconstrói infinitamente e de modo diferente em cada olhar e em cada observador, uma combinação de sensações diversas em apenas uma impressão. Nunca voltaremos ao momento no qual nos encontramos, simplesmente porque sempre observamos o passado com outros olhos. Mas, se nosso olhar é sempre difuso, em determinados momentos somos surpreendidos por nossos sentimentos. As águas do rio nos fazem lembrar de instantes passados nos quais retrocedemos mentalmente da sua foz à nascente e sentimos saudade, nosso espírito é induzido a vagar solitário, velado pelo desejo indelével do reencontro. Ser outro sempre diferente.

Na área de alimentação junto ao mercado, caminho entre as bancas de alimentos e observo uma senhora que coloca restos de comida em travessas de vidro. Suas mãos ágeis cobrem com plástico filme cada um dos recipientes

como se guardasse algo muito valioso em seu interior. Aproximo-me e troco algumas palavras ao acaso, tendo o objetivo de iniciar um diálogo. Um sorriso simpático se desenha em seu semblante, e os braços nus apontam para um banco de madeira, sugerindo que eu me sente. Enquanto vou em direção ao assento, observo seus olhos negros, sua pele enrugada e o cabelo escuro na raiz, o qual ao longo da fibra parece ir desbotando até chegar às pontas queimadas pelo sol. Coloco meus braços sobre o balcão no qual toalhas plastificadas com estampas de frutas dão um ar simpático e modesto ao lugar. Pergunto se ela é a proprietária da banca. Proferindo uma resposta rápida, a senhora diz que a verdadeira dona é a prefeitura, a qual redistribuiu para algumas pessoas administrar cada espaço, ficando com o administrador o custo e o lucro de tudo o que for comercializado. Suas sobrancelhas franzem e ela aproxima do balcão seu rosto duro, marcado pelo tempo. Seu tom de voz se torna mais suave enquanto diz que, na verdade, mesmo sendo da prefeitura, ela aluga o espaço para poder trabalhar e paga uma taxa semanal de cento e vinte reais para a proprietária. Afirma que a distribuição dos espaços ocorreu há algum tempo, e que esses espaços acabam passando de pai para filho. Seu rosto torna-se sério quando diz que muitos donos alugam esses lugares para ganhar dinheiro e nem mesmo trabalham ali, e sinto em sua voz um tom de revolta e impotência. Antes de me despedir questiono como ela começou a trabalhar no local e sua resposta encanta pela

metáfora: “Cheguei até aqui por acaso, o vento me trouxe e um dia ele há de me levar para outro lugar.” Dizendo essas palavras ela parece brilhar, iluminada pelo amarelado do toldo que encobre a praça de alimentação, entre os gritos dos jogadores de cartas, os murmúrios das conversas e o cheiro de peixe-frito.

Caminho no sentido contrário, urubus continuam a sobrevoar o porto em busca de alimento, as vísceras e os demais pedaços de peixes apodrecidos jogados ao rio formam pequenas aglomerações que flutuam entre restos de frutas, verduras, garrafas, sacos plásticos e uma infinidade de detritos, contrastando com as embarcações e o marrom da água. Um pequeno barco atracado possui cinco tripulantes em seu interior, uma família o carrega com engradados de cerveja e sacos de farinha de mandioca, possivelmente para revender. Aos poucos, as ondulações da água ficam constantes e maiores, elas anunciam a chegada de outro barco que joga o da família de encontro ao cais, espremendo-o até que seus tripulantes são obrigados a desamarrarem a corda que o prende ao ancoradouro para que o outro barco maior e triunfante possa atracar.

Penso que preciso ter mais atenção à desordem organizada daquele espaço, às aglomerações de indivíduos, às ruínas das construções, ao cheiro de urina e de lama, à música ensurdecidora, à fartura dos alimentos, à sujeira das ruas, aos corpos queimados e torneados com os quais

me deparo a cada passo. Busco o convívio em algumas vielas, e entre as fissuras da história gravadas nas cores desbotadas dos casarões encontro uma porta aberta, entro e me deparo com quatro homens empilhando sacos e mais sacos de sal. Alguns se viram e perguntam o que procuro. Receoso de continuar a conversa, o pensamento de sair daquele espaço começa a brotar quando percebo que dois outros homens entram pela porta e bloqueiam minha saída. Pergunto o que eles fazem ali. Nesse instante um deles vem em minha direção e afirma que vendem sal. A conversa se desenrola naturalmente e, aos poucos, todos se sentam sobre as pilhas de sacos para tomar café. Logo arrumo um lugar sobre alguns sacos de sal de moissoró. Entre um gole e outro, me oferecem uma espécie de fruto chamado pupunha. Pergunto se eles têm conhecimento da maneira como se estruturam as relações entre as pessoas que trabalham no desembarque do peixe no Ver-o-Peso. Um homem de estatura mediana, um pouco acima do peso, com as pálpebras levemente inchadas e avermelhadas e que se apresenta como Raimundo profere uma aula sobre as intensas relações que ocorrem no porto, as quais, segundo suas palavras, vão muito além do econômico. Sua narrativa inicia descrevendo a vida pulsante do mercado, que começa ainda de madrugada, quando os barcos maiores e os caminhões chegam ao local para a venda e compra do peixe. Ao ouvir a descrição da cena, imagino a grande quantidade de pessoas envolvidas e a região na qual o desembarque do peixe é realizado,



chamada *Pedra*, uma pequena área na qual eu havia estado, entre o cais e o Mercado de Ferro. Seu Raimundo continua narrando a arquitetura de relações humanas existentes naquele pequeno espaço. Afirma a importância de cada membro para que a engrenagem daquele constructo social funcione como um todo. Fala da importância do pescador, do dono do barco, dos investimentos necessários para realizar a viagem de pesca, tais como linhas de pesca, o óleo para o barco, gelo para que o peixe não estrague e o rancho, a alimentação dos tripulantes, além de remédios e outros utensílios. Seu Raimundo considera a figura do *balanceiro* como um dos elementos principais nesse sistema. Segundo ele, suas atribuições são pesar a produção dos pescadores e indicar compradores para o pescado, ficando com cinco a sete por cento do total da venda. A importância desse personagem está ligada à rede de relações que garante o fluxo da mercadoria. Com um olhar afetivo, diz que o *balanceiro*, além de construir essa teia, muitas vezes auxilia os pescadores que passam por algum problema econômico, financia algumas viagens quando existe dificuldade do dono do barco em comprar os mantimentos necessários e até adianta alguns honorários quando isso se faz necessário. Fico empolgado com a conversa, suas palavras ainda afirmam que existem muitas outras pequenas peças nesse quebra-cabeça que também são importantes, como o *virador*, o *geleiro*, os *carregadores*. Entre as pilhas de sal sinto materializar em minha consciência uma estrutura complexa

baseada essencialmente na harmonia. Questiono as outras pessoas que escutam a história se efetivamente não existe uma relação de exploração de alguma das partes. Todos acenam negativamente com a cabeça e fazem referência a uma relação familiar, de diferentes gerações, as quais trabalham juntas e se tornam amigas, sendo leais às relações pessoais através da reciprocidade.

O objetivo inicial de contato com a paisagem da cidade se transformou quando tive consciência de que era impossível observar aquele constructo separado de todas as relações humanas que estão presentes nesse cenário. As conversas passaram a figurar e transformar uma relação introspectiva e contemplativa da paisagem em diálogos com seus agentes, o que possibilitou uma nova construção do espaço físico, na qual se tornou perceptível o que inicialmente era invisível ao olhar.





77 D MARIA LOUR



A 78-D



NARRADOR

Em Cuiabá-MT, saio para caminhar em direção ao centro da cidade, guio meus passos pelas ruas que parecem mais sedutoras. Após passar por algumas construções e por terrenos baldios, observo no interior de uma garagem alguns senhores, já com idade avançada, sentados em cadeiras de plástico avermelhadas dispostas de tal forma que criam o desenho de um semicírculo. Alguns conversam enquanto outros meditam sobre a vida. Seus diálogos parecem variar constantemente, passam do futebol ao orgulho cuiabano, de política a desavenças entre os presentes. Fico intrigado com a cena inusitada e decido conversar com o senhor sentado próximo à rua, perguntando a ele do que se trata aquele encontro. Com tom de orgulho em sua voz e a mão um pouco trêmula, afirma ser aquele local o Senadinho Cuiabano, lugar no qual se encontram “os heróis de ontem e de hoje”. Fico um pouco abismado com o fato de celebridades tão importantes se encontrarem na garagem de uma casa, sentados em cadeiras de plástico. Aos poucos, me aproximo do grupo de senhores, que muito cordialmente narram suas histórias. Seus depoimentos tratam do costume antigo, do hábito das rodas de conversa sobre temas variados que eles ainda mantêm. Afirmam que o grupo foi criado há mais de trinta anos e constantemente debatem temas importantes do Brasil e do Estado de Mato Grosso. Seus integrantes são, em grande maioria, aposentados, pessoas ligadas de alguma forma ao cenário político local, com profissões que eles ostentam como símbolos da sua importância e, mais

ainda, da sua representação. São médicos, engenheiros, ex-governadores, juízes, advogados, autônomos... Falam com orgulho que o governo escuta a opinião deles, e que, em algumas oportunidades, inclusive almoçam com o prefeito. Percebo em suas feições as marcas do tempo, a cada história uma risada estridente brota em suas faces. Se é possível imaginar que somos como degraus esculpidos na pedra que, aos poucos, se transformam pela ação de pessoas que sobem e descem por nossos corpos, nos deformando, abalando nossas certezas, ondulando nossas memórias, desgastando nossa matéria, imagino que alguns degraus que constituem a paisagem de Cuiabá estão, de alguma forma, materializados na minha frente. Pergunto sobre a história da cidade e escuto narrações sobre os bandeirantes, a mineração, a vegetação, a rivalidade com Campo Grande-MS, o potencial econômico do estado, a agropecuária, o pantanal, os filhos que criaram, o clima e o contexto atual da economia brasileira. Próximo do meio dia todos deixam seus acentos e empilham as cadeiras no interior da garagem, a porta fecha enquanto cada um segue caminhos diferentes, aguardando o encontro do próximo dia.

Na praça em frente à igreja matriz da cidade sento para observar o entorno. O preço dos meus instantes de devaneio pode ser calculado pelo valor pago a um engraxate que se aproximou e, antes mesmo que eu conseguisse retornar do mergulho *voyeristico* do meu olhar e recusar os seus serviços, ele já havia iniciado sua atividade escovando meus

sapatos. Decido deixá-lo realizar seu trabalho enquanto conversamos. Ele conta que tem vinte e quatro anos, é da cidade de Várzea Grande e começou a trabalhar como engraxate quando tinha oito anos, ofício que lhe foi passado pelo pai. Fala da relação com o irmão, da dificuldade de viverem juntos na mesma casa, com suas mulheres e filhos. Bate na caixa de madeira como um sinal para que eu mude o pé que receberá a sua flanela. Pergunto se ele tem algum horário de trabalho, responde que fica até as quinze horas da tarde e utiliza a expressão “pois tenho passarinho em casa para dar água” para fazer referência aos filhos como o motivo do encerramento de seu expediente.

Antes de iniciar a viagem até Curitiba-PR, caminho pela rodoviária de Cuiabá. Sua estrutura possui dois pavimentos, e nesses locais algumas telhas transparentes possibilitam a difusão dos raios de sol pelo interior da construção. O brilho escuro das colunas parece familiar, é o mesmo utilizado na maioria das rodoviárias e que cria uma construção austera em detrimento de espaços de vivências. O tom de amarelo presente no corrimão das rampas de acesso, os ladrilhos azuis, brancos e vermelhos somados a faixas de mesma coloração que adornam o friso do teto e algumas colunas amplificam, pela minguada riqueza cromática, o severo cinza e o marrom da construção. Em todos os espaços do terminal existem televisores fixados em algumas vigas, os quais acabam sendo uma possibilidade de distração. Alguns mendigos encontram nesse espaço o local ideal para





preencher a monotonia, observando alguma banalidade entre um cochilo e outro. Em alguns locais, sobre o piso de concreto, blocos quadriculados de borracha escura no qual constam pequenos círculos em relevo e que normalmente são utilizados para evitar escorregões descolam, criando ondulações no assoalho, pequenas armadilhas aos passantes despercebidos que facilmente tropeçam entre os pedaços, como uma senhora de idade avançada que caminha com dificuldade na minha frente e que esbarra no obstáculo aparentemente inofensivo, esfolando todo o lado direito do rosto.

Da mesma forma que em outras rodoviárias, nas plataformas de embarque não é permitido o acesso de acompanhantes. Os espaços são separados por grades, mas como estão muito próximos, essa segregação não ocorre com tanta radicalidade. Contudo, mesmo que a distância seja ínfima, esse obstáculo antecipa a separação e o desejo do reencontro.

O ônibus atrasa mais de duas horas e, segundo informações desencontradas, o veículo encontra-se em trânsito, ou seja, saiu de Porto Velho-RO e supostamente pode estar parado em algum congestionamento na estrada. Enquanto aguardo, consigo perceber a impaciência dos outros passageiros que começam a proferir ameaças aos funcionários da empresa.

Parto no início do entardecer, sobre os passageiros

para o somatório de sensações, como o cansaço pela espera e a ansiedade por romper todo o itinerário da longa viagem. Nenhuma palavra é proferida, apenas o zumbido do motor e da suspensão quebram a muralha silenciosa que emana das poltronas. Na estrada, observo uma grande movimentação de carretas de nove eixos que mais parecem centopeias, uma atrás da outra em uma via estreita, na qual conto mais de cinquenta delas, sendo ultrapassadas perigosamente pelo ônibus durante a noite escura e enevoadas.

Ao mesmo tempo em que possibilita o encontro com histórias, o deslocamento entre as cidades faz pensar em memórias, de forma que me sinto observado por minhas próprias fantasias de infância. Da janela redescubro momentos esquecidos, mas que por alguns instantes emergem de algum local incerto e são revividos com toda a intensidade. Ao mesmo tempo, pequenos traumas ressurgem, sinto a doce e amarga admiração que me sobrevém quando relembro dos tempos da adolescência e de como estou envelhecendo. Através da janela, observo lembranças e escuto todas as vozes surdas que povoam meus pensamentos.

Em uma parada, converso com um homem de expressão séria que está indo para Presidente Prudente-SP encontrar a família. Teve uma semana de descanso depois de mais de setenta dias trabalhando longe de casa. Afirma ser mecânico em uma empresa de fertilização. Embarcou

em Rondonópolis-MT, cidade em que trabalha no momento. Questiono porque ele não se muda para lá, pois não deve ser fácil ficar tanto tempo longe. Responde que não vale a pena, muitas vezes tem que trabalhar em outras regiões do Brasil. Ele conta que no ano passado, por exemplo, ficou mais de três meses em Recife-PE, sem voltar uma única vez para casa. Dando um pequeno murro na mesa e com um olhar vago, diz que não é fácil essa distância, mas agora pelo menos os filhos já estão criados e ele não sofre tanto com isso.

No limiar entre a estrada e o acostamento, observo alguns pontos escuros que contrastam com o verde das plantações, indicando um rastro de queimada. Conseguise ver, além das folhas completamente secas que criam uma escala tonal do pardo até o ocre, troncos carbonizados amontoados como pequenos cadáveres estendidos à beira da rodovia, em um solo completamente negro.

Através do vazio no acostamento, observo que a paisagem se transforma em grandes latifúndios, o agronegócio parece ser a cultura reinante nesse território. Ao longo da estrada, o intenso tráfego de caminhões é apenas mais um indício de que as plantações que observo estarão, em pouco tempo, velando em forma de grãos em alto mar. Nos jornais, as manchetes informarão que o Brasil bate recordes de exportação e os ruralistas tentarão ampliar ainda mais suas enormes lavouras, pois como dizem os especialistas, “podemos crescer ainda mais”. A monocultura floresce através da janela.

Na divisa entre os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo o ambiente não se altera. O relevo começa a criar algumas ondulações, mas a monotonia de uma cerca após a outra prevalece e a única diferença é que agora as fazendas parecem menores. No Paraná, as plantações, agora de milho, seguem ao longo da estrada.

Ao entardecer, as cores criam um amplo espectro de azul turquesa, e graças ao cansaço da viagem todo o ônibus adormece. A luz sobre a poltrona ilumina a folha de papel e permite que eu consiga escrever algumas palavras. Aos poucos, o azul enegrece e consigo apenas identificar o contorno das árvores. O sol enfraquece e, à medida que se põe, o frio aumenta. A paisagem é consumida pela noite e o veículo chacoalha de um lado para o outro. Dos meus olhos escorrem pequenas lágrimas decorrentes da preguiça e dos constantes bocejos que irrompem a cada instante. A baixa temperatura faz com que o corpo fique contraído, desejando uma cama confortável e um cobertor. Ao fundo, dois homens conversam. Tento compreender suas palavras, mas sou impedido pelo cansaço e pela distância. Fecho os olhos e tento pensar em algo prazeroso, e o livro guardado na mochila para momentos como esse não parece sedutor. O ônibus chacoalha. Respiro fundo e tento me acalmar, penso em tentar superar esse momento para treinar meu autocontrole, mas principalmente porque não tenho outra alternativa senão esperar.

Parada de vinte minutos. Enquanto como um pequeno salgado, o passageiro da poltrona da frente senta ao meu lado e começa a conversar. Afirma que embarcou em Rondonópolis, diz ser o chefe dos mecânicos que cuidam de uma frota de mais de quinhentas carretas, muitas delas destinadas ao transporte de grãos. Está indo para Curitiba, pois o filho de dois anos vai realizar uma cirurgia para retirar um câncer. Ele conta que o filho já realizou a mesma intervenção no ano anterior, mas o nódulo apareceu novamente. Insinua ser comum essa viagem para o sul em busca de melhor atendimento médico. Resolvo mudar de assunto para traçar um novo rumo ao nosso diálogo e contornar o peso que envolve a conversa. Comento sobre o grande número de fazendas ao longo da estrada e ele, levantando uma das mãos, diz que eu não havia visto nada, que o proprietário da empresa na qual trabalha tem uma área gigantesca de plantação no Acre e desde lá, ele diz, “tá tudo aberto”.

O ônibus para bruscamente, o motor e as luzes internas desligam perto de Campo Largo-PR, em meio à escuridão total, os únicos raios de luz são gerados pelos flashes dos faróis dos veículos que passam ao longo da rodovia. Enquanto alguns passageiros sugerem alternativas para tentar descobrir o que aconteceu, um caminhão para e liga os faróis dianteiros, iluminando parte do ônibus de forma que o motorista possa observar o motor para solucionar o problema.

Quando a viagem continua, escuto uma voz que vem das poltronas atrás da qual me encontro e que conta algumas histórias. Fico maravilhado com o ritmo e a facilidade com que as palavras ecoam de forma fascinante. O passageiro está regressando para o Paraná depois de uma temporada em Rondônia, mas sonha em ir para a região norte criar gado. Fala sobre a cidade, sobre os irmãos e ainda sobre as festas que frequenta e, por alguns momentos não consigo parar de rir; já em outros fico intrigado com suas vivências e com a fluidez com que exerce o ofício de narrador.





ANTROPOLOGIA DO EXISTIR

Não consigo imaginar alguma descrição perfeita sobre a paisagem, pois toda interpretação do espaço é sujeita a nunca tocar a sua real complexidade e sempre se tornar insuficiente. Suas definições se ocultam no interior da cultura como as águas do mar encobrem montanhas, vales, fendas enormes submersas e aparentemente escondidas entre a fartura de sua liquidez. Normalmente, uma reflexão relacionada à estética ambiental se estabelece pela forma como debate a riqueza de seus elementos constitutivos, frisando principalmente os espaços com qualidades identificadas por todos. No entanto, regiões nas quais as condições meteorológicas promovem outras construções do espaço e a noção de beleza se estabelece em outra ordem de definição possibilitam discussões acerca de como esses espaços evocam sentimentos e emoções distintas.

A rodoviária de Teresina-PI possui três andares, o primeiro é destinado ao desembarque de passageiros; o segundo abriga os guichês para compra de passagens e, no terceiro, encontramos o local de embarque, além de lojas e lancherias. Como em outros Terminais Rodoviários, o cinza e o marrom são as cores reinantes no espaço. As colunas e o teto criam formas geométricas na arquitetura, promovendo um ar moderno na construção. O sol forte não atrapalha os passageiros, pois toda área de embarque e desembarque é encoberta, produzindo sombras. No primeiro andar, o amarelo do espaço contrasta com os outros andares, a sujeira impregnada nas paredes promove composições cromáticas

interessantes. No forte calor, a sombra se torna um local de refúgio, e os raios de sol quando tocam a epiderme parecem sutis agulhas que, aos poucos, penetram no corpo, produzindo um suor seco que mais se compara a formigas que caminham sobre o corpo e que provocam o desconforto da coceira. A sensação de comichão também pode ser interpretada pelo desejo veemente de que o ônibus que me levaria para Caruaru-PE chegasse logo. O atraso se estende por mais de 3 horas, nas quais a maioria dos passageiros reluta em aguardar em pé e sentindo o forte calor, pois não existem bancos suficientes para que todos possam sentar.

O ônibus que ostenta o aviso de seu itinerário chega, promovendo a rápida convulsão de muitos passageiros sentados que correm para conseguirem entrar com rapidez no interior do veículo que saiu de Belém-PA e se direciona para Maceió-AL. A parada em Teresina é apenas mais uma entre tantas outras já realizadas entre chegadas e partidas. O ar condicionado dá a sensação de alívio e de um conforto revigorante aos passageiros. Em razão da longa viagem já iniciada há pelo menos dez horas, o interior do veículo sustenta um clima de sonolência e exaustão.

Após algumas horas de viagem, converso com o passageiro ao lado, que conseguiu o privilégio de sentar próximo à janela, pois estava mais adiantado na fila de compra do bilhete de passagem. Seu rosto é levemente esticado, e suas espinhas avermelhadas dão um sinal da pouca idade, possui olhos castanhos, e o cabelo raspado

faz com que seu nariz fique mais saliente. Pergunto para onde vai e, inicialmente, responde de forma desordenada, tão concentrado em seus pensamentos que vira o rosto em minha direção, mas mantém os olhos concentrados em um objeto fugidio, parece que olha através de mim, até viro meu rosto para o lado tentando encontrar, em vão, o que observa. Aos poucos, percebo que seu olhar distante indica que ele está ausente, fixo em algum outro espaço. Após alguns segundos, fala algumas palavras desconstruídas e inicia vagarosamente a sua volta a si mesmo, quando fita meus olhos e, num tom simpático, afirma estar indo para Picos-PI, onde trabalha no exército como motorista de um comandante. Articulado bem as palavras, diz que no futuro pretende prestar concurso para a polícia militar ou para bombeiro, fala que é complicado realizar qualquer curso superior no momento, por causa dos horários de trabalho, mas que ainda tem esperança de conseguir um diploma.

Quanto mais rumamos em direção ao nosso destino, mais a vegetação parece desbotar, e de um momento para o outro o ocre é a cor reinante no cenário. Tudo fica seco, o capim esbranquiçado, algumas carcaças de gado se espalham pela paisagem. Observo várias casas abandonadas feitas de barro e madeira que, outrora, alguém possuía, e que agora viraram um espaço emaranhado de memórias. As tonalidades do ambiente se assemelham a uma escala cromática que parte do amarelo e do vermelho das folhas secas e queimadas. A paisagem da caatinga, ao mesmo





tempo em que seduz, provoca a sensação de espanto. Ainda é possível observar pequenos acúmulos de uma água barrenta, esverdeada, em locais onde supostamente deveria passar um rio. Em razão da incidência do sol, a sombra de uma árvore na estrada dá a impressão de promover um resfriamento momentâneo, um desejo de sobrevivência compartilhado, ou ainda uma sensação de ter a sorte da proteção do outro como anteparo.

No céu azul celeste, algumas nuvens criam formas complexas, nas quais identifico alguns elementos que, em conjunto, criam um grande arquipélago, e cada ilha desse conjunto é passível de grandes devaneios. Cada nuvem observada fixamente por mais de trinta segundos desperta formas tão variadas que vão desde animais, contorno de países, continentes e até palavras, disco voadores, balões.

Converso novamente com o passageiro ao meu lado sobre a impossibilidade de se plantar naquele lugar, e ele me mostra ao longo da estrada cajueiros que florescem em alguns pontos verdes que se alternam com os secos e logo darão suculentos cajus amarelados, rosados e vermelhos.

Ao longo da rodovia, o clima fica ainda mais árido, o capim cresce na beira da estrada, os raios do sol transformam sua coloração que, em alguns instantes, parece oscilar entre o branco e o dourado, criando um rastro que segue o asfalto. Em alguns pontos a vegetação é composta essencialmente por árvores de pequeno porte e arbustos.

Na cabine do motorista converso com o condutor enquanto tiro algumas fotografias. Observando a forma como ele guia o veículo, consigo ter noção da importância do seu controle sobre o volante, pois cada gesto precisa ser bem pensado para que a harmonia que existe entre o ônibus e a estrada não se quebre. As interferências nessa situação ficam por conta de alguns tachões na pista, os quais, por momentos, são esmagados pelas rodas, além da ultrapassagem de algum veículo de passeio ou de caminhões de carga.

A descida da serra próxima à cidade de Picos-PI promove pensamentos inesperados. Por instantes, ao observar as cicatrizes da erosão e os penhascos, o horizonte nunca pareceu tão intenso ao contrastar com a aridez do solo. Ali penso que não existo, que sou apenas o somatório de pessoas que conheci e que, na verdade, todos os meus desejos foram implantados em minha consciência através desses outros que encontro a cada deslocamento. Reflito sobre como os meus sonhos vão esmaecendo com o tempo e me questiono se chegará o dia no qual irei me perguntar o que efetivamente desejei para mim. Talvez a viagem traga apenas a possibilidade do anonimato. Olho para a janela e com alguma dificuldade observo meu semblante no reflexo do vidro, ao fundo a paisagem se funde à silhueta do meu rosto. Toco o queixo para ter certeza de que ainda existo fisicamente e para averiguar se sou tão matéria quanto os arbustos secos da rodovia.

Na parada na cidade de Picos o passageiro ao meu lado desembarca. Também ocorre a troca de motorista, e o que assume a direção apresenta-se e deseja boa viagem. No exato momento no qual ele profere essas palavras, um coro de muitas vozes ecoa dizendo ao final de sua apresentação “Deus seja louvado!”. Fico espantado pelo vigor e pelo sincronismo das palavras.

A noite se apodera da paisagem, transformando os diálogos em pequenos sussurros. Um fato constante nas paradas ao longo da viagem é que não há água. Os banheiros possuem um cheiro muito forte e das torneiras não brota nenhuma gota de água. Mesmo nas construções mais simples é comum encontrar televisões de última geração, nas quais grupos de pessoas observam atentamente alguma transmissão. Escuto algumas senhoras nas poltronas atrás do meu assento, falam de como essa viagem promoveu a amizade entre elas. Segundo a mulher da direita, isso não ocorreria da mesma forma e com tal naturalidade se o encontro tivesse ocorrido em algum voo de avião. As longas horas passadas juntas e a proximidade com a caatinga são muito importantes porque ensinam as pessoas a viverem em companheirismo.

Algumas cenas inusitadas passam pela vidraça da janela. Em um lugar escuro, um grupo de pessoas dança iluminado por guirlandas de lâmpadas incandescentes. Da estrada, observo que essas lâmpadas iluminam com sua

energia os terreiros, espaços à porta das habitações populares nos quais o chão batido se transforma em local de festa.

Apesar da pista simples, a estrada está em boas condições para o tráfego de veículos. O grande desafio e também o maior perigo é superar a ausência de iluminação e a inexistência de placas de informação e segurança. Algumas casas existentes nesse cenário de escuridão criam um ambiente de mistério.

Chego ao Terminal Rodoviário da cidade de Caruaru-PE, o dia amanhece completamente nublado. O asfalto molhado e a neblina criam contrastes com a paisagem seca e árida que observei ainda no Piauí antes do anoitecer. Na rodoviária, bem como em dois parados anteriores, a água jorra em abundância. O verde da paisagem é vibrante, nota-se que as árvores são mais altas entre a cidade e Recife-PE do que anteriormente.

As fazendas começam a passar uma atrás da outra. O relevo fica mais sedutor e quanto mais a planície costeira se aproxima, mais constato a presença de matas com ricas variedades de vegetação. Próximo a Recife, a ação de algumas escavadeiras criam feridas nas ondulações ao longo da estrada, nas quais a mata sempre verde parece destinada a fragmentações caleidoscópicas.





RUMOS E DESTINOS

Em Recife, sigo por caminhos desconhecidos, acompanho a multidão que se desloca até o metrô, entro e ali permaneço até a última parada, na qual um grande número de passageiros desembarca. Saio da estação e observo um senhor que vende guarda-chuvas, e por causa da sua pequena estatura, as hastes metálicas parecem enormes. Fico intrigado com a imagem e me aproximo. Ele usa um chapéu de feltro esverdeado, sua voz é rouca e, com alguma dificuldade, consigo compreender suas palavras. Afirma ser aposentado e que trabalhava com “quentura” em uma fábrica de lâmpadas de mercúrio, na qual ficou durante muito tempo exposto ao forte calor e prejudicou a visão. Tem os olhos escuros com leve azulado em torno da íris, diz que possui catarata e “cozimento da vista”, o que dificulta muito a sua visão, fato que consigo perceber quando tenta identificar a nota de dez reais que um cliente havia lhe dado ao levar a cédula a poucos centímetros dos olhos. Diz que recebe muito pouco como aposentado e trabalha para complementar a renda no ramo do picolé e das sombrinhas. Assim, dependendo das condições meteorológicas, quando faz sol vende picolé, e quando chove vende guarda-chuva. Viveu todos os seus oitenta e oito anos em Pernambuco, mora em Jaboatão dos Guararapes-PE e se desloca todos os dias para trabalhar em Recife. Pergunto se ele poderia me indicar algum lugar ali por perto para que eu pudesse conhecer. Ele responde que o Mercado São José era por aquele caminho.

A estrutura de ferro que ergue a construção do Mercado Público São José é pintada de verde e possui telhas de barro avermelhadas. A arquitetura possibilita a entrada de luz no ambiente, mas mesmo assim as lâmpadas fluorescentes são indispensáveis para a iluminação do espaço. Em seu interior, algumas bancas vendem peixes, frutos do mar, carne, além de uma grande variedade de camarões, que vem de várias regiões do litoral do nordeste. Cada um desses espaços possui azulejos brancos e estruturas em metal pintadas de azul. Outro ambiente mais apertado no qual se vende artesanato está abarrotado até o teto com produtos. Caminho em direção a alguns espaços destinados à alimentação e sento-me em uma banca. Observo o local e constato que os pratos são servidos por algumas mulheres que trabalham dentro do retângulo que define a construção, mas os pagamentos das refeições são realizados ao lado desse espaço, a uma senhora sentada em uma cadeira de balanço com um saco plástico cheio de moedas e notas de dinheiro pendendo no braço esquerdo. Seu nome é Bárbara, diz ser a locatária do espaço e afirma que a proprietária é a prefeitura. Ela começou a trabalhar quando sua mãe faleceu e passou a ela o direito de utilizar o espaço. Afirma que antes de se dedicar ao ramo da alimentação foi camelô durante quinze anos. Enquanto conversamos, ela continua seu movimento pendular na cadeira enquanto recebe o pagamento dos pratos servidos. Diz que assim é mais higiênico, pois as meninas que trabalham com a comida não

podem pegar o dinheiro. Bárbara conta ainda que o nome do restaurante é “Dádiva”, e que gosta desse nome pois “dádiva”, segundo ela, faz referência a um presente. Resolvo interromper o diálogo para não atrapalhar os cálculos que ela efetua enquanto dá o troco aos clientes. Faço um sinal de despedida e ela, com seus óculos de aros grossos e o cabelo grisalho encaracolado ostentando seus sessenta e oito anos, ali permanece, balançando na cadeira e coordenando a distribuição das refeições. Em um corredor no qual algumas pessoas se apoiam enquanto tomam cerveja, inicio uma conversa com um homem de boné e camisa branca com manchas de sangue. Com o rosto sério e mandíbula saliente, garante que a história do mercado é muito rica, pois por muito tempo ali foi o centro de abastecimento da cidade. Explica que o lugar é dividido em áreas de alimentação, venda de carne, peixe, camarão e artesanato, e no lado de fora ficam as frutas e verduras. Além disso, afirma que no mercado e no seu entorno existe uma série de produtos que fazem parte da identidade local, como ervas medicinais, comidas típicas, artefatos de barro, entre tantos outros elementos que constituem aquele local e seu entorno, tornando-o um espaço identitário.

Volto ao Terminal Rodoviário de Recife, e observo que sua arquitetura se distingue das anteriores pelas quais passei. Nesse espaço, houve uma tentativa de proporcionar algumas atrações distintas daquelas que normalmente encontramos em rodoviárias, como um mercado e um

Cantinho
do ERANCO





cinema, que agora se encontram desativados. Apenas dois andares são utilizados e os demais pavimentos estão fechados. Na área central da construção, em um espaço circular que avança por vários andares, funciona a administração. A cor que envolve a construção é um verde esmaecido, a iluminação com lâmpadas fluorescentes brancas, como nas demais rodoviárias, não possibilita um ambiente aconchegante. O abandono do terceiro andar mostra como o espaço da rodoviária ainda se estrutura como um lugar de passagem. A entrada nos terminais de embarque é controlada por catracas, as quais somente possibilitam o acesso de quem possuir bilhete, ou seja, familiares e amigos são impossibilitados de entrar. O terminal é muito escuro, os bancos são escassos e os passageiros se revezam entre sentar no piso frio da escada ou escorar na grade que separa as áreas de embarque estaduais e interestaduais.

Na rodoviária, a espera pelo ônibus promove a construção de um cenário, no qual enquanto alguns ficam entediados, sentados sobre suas malas, abrindo bocejos constantes de forma que lágrimas escorrem do canto dos olhos, outros tentam fazer com que os filhos fiquem sentados ou, no mínimo, não saiam correndo pelas plataformas. Outros adormecem, cerram os olhos e se entregam ao descanso, tentando abstrair-se do barulho dos motores dos veículos, do cheiro de óleo queimado, da fumaça negra soprada pelos carburadores e do odor repugnante de salgadinhos sendo devorados, enquanto

suas cabeças tentam ficar erguidas ou levemente inclinadas para o lado. Esse pequeno cochilo se assemelha muito mais ao desejo de partir daquele espaço do que ao descanso. O ônibus não chega no horário previsto, duas horas de espera se passam e a cada novo questionamento ao fiscal da empresa de transportes, mais vinte minutos são somados às suas previsões.

O ônibus iniciou seu itinerário por Guarabira-PB, algumas pessoas dormem durante a chegada a Recife, enquanto outras comem uma pequena marmita que contém arroz com pedaços de frango. No interior do veículo o ambiente parece tranquilo, e o que chama minha atenção são alguns senhores que conversam, sentados em poltronas atrás da minha, porém meus ouvidos não conseguem compreender suas palavras. Como não havia muitos passageiros no ônibus, algumas poltronas são utilizadas como camas, nas quais o corpo fica estendido, o que propicia um pouco de conforto.

O alvorecer colore o dia, o ônibus para em um ponto de apoio em Aracaju-SE, e além de tomarmos café, nesse intervalo o veículo é limpo. Logo que a viagem retoma seu rumo, dois passageiros começam a conversar, cada um em um lado do corredor. Em poltronas opostas, o diálogo é sobre a morte, o da direita narra como seu primo morreu esfaqueado na praça de sua cidade. Afirma que a droga rola solta e que alguns usuários são mortos pelos traficantes por

não pagarem as suas dívidas. Outro passageiro, sentado na fileira à frente do anterior, apresenta-se como sendo do interior de Alagoas e afirma que nas cidades pequenas a droga está cada vez mais forte. Um deles descreve a cena de meninas vendendo roupa íntima para conseguir crack. Subitamente, a conversa muda e o passageiro da direita afirma estar indo para o Espírito Santo arrumar trabalho, pois não aguenta mais trabalhar no corte de cana. Ele conta que em sua cidade natal somente possui trabalho fixo quem trabalha para a prefeitura, o resto vive de cana.

Na parada na Rodoviária de Esplanada-BA, o motorista joga um balde de água no corredor para limpar o vômito de uma criança da primeira fileira que havia passado mal. A mancha amarelada sai, mas em compensação o chão fica completamente molhado. Nessa parada, converso com uma senhora que estava viajando para o Rio de Janeiro. Ela conta-me que está indo ajudar a filha que saiu de Sergipe para tentar a vida como cantora, mas que não conseguiu alcançar sucesso. Fala que a filha havia gasto o valor de um apartamento gravando um CD, pois além da gravadora ela precisou pagar os músicos. Perdeu todo o dinheiro, pois não conseguiu praticamente nenhum retorno e como não vendeu suas músicas está passando por necessidade longe de casa. Reflito sobre a condição do artista, o jogo que existe no mundo da arte, o desejo de sucesso, a frustração de um trabalho mal recebido pela crítica, ou ainda sobre a apatia completa dessa mesma crítica perante o trabalho, como

se ele não existisse e fosse apenas mais um entre tantos outros. Lembro também das exigências críticas que um trabalho de arte deve possuir e que, na maioria das vezes, são impostas por um seleto grupo. Ao mesmo tempo, analiso a minha própria condição, sinto a ansiedade que muitas vezes me consome quando penso no prestígio que preciso construir aos olhos do grupo cultural ao qual supostamente pertença, a fim de promover minha legitimação enquanto artista. Há também a necessidade de estar sempre atento às oportunidades, os interesses obscuros de pessoas que, muitas vezes, se aproximam com algum elogio solto, além da inveja presente nos eventos sociais, no qual se fala com todo mundo e espalham-se mal dizeres pela necessidade do jogo, da competição e da afirmação de determinada produção. Ao mesmo tempo em que corrompe esse universo, tudo isso me faz lembrar que ele é tão terreno quanto qualquer outro, e não existe nenhuma pureza nem dentro e nem fora do mundo da arte.

Ao longo da rodovia, observo alguns locais escavados onde, aos poucos, tratores apagam qualquer resquício de terra. Chama atenção outros espaços similares abandonados próximos ao anterior, nos quais a mata aos poucos ocupa o terreno novamente. Alguns arbustos crescem entre a terra revolta e revelam-se como um grande exemplo da reconstrução do espaço a partir da tentativa de desfiguração do local.





Durante a viagem, converso com uma passageira sentada à minha frente, a duas poltronas de distância. Seu nome é Ângela, viaja com a filha Grazielle, seus olhos e cabelos pretos contrastam com a pele de um moreno intenso. Sua filha tem quatro anos, possui os olhos castanhos claros cheios de energia, fala como uma adulta e tem opinião para tudo. Sem constrangimento, solicita a um senhor que está sentado na poltrona atrás da sua e que ameaça abrir o alçapão do teto do ônibus, alegando sentir calor, que ele não faça isso, pois ela passaria frio. Constrangido, o passageiro atende ao pedido da menina. Mãe e filha voltam ao Rio de Janeiro depois de uma estada de mais de vinte dias na casa da irmã de Ângela, em Guarabira-PB. Afirma que foi morar no sudeste ainda moça, há mais de trinta anos, e que nem passa pela sua cabeça voltar para a sua cidade natal. Decidiu realizar o percurso de ônibus porque queria que a filha soubesse como as cidades são distantes e como é demorada a viagem. Ela projeta o deslocamento como um processo educativo, enquanto a filha encara como uma aventura. Diz que sempre desejou que a menina fizesse o mesmo trajeto que ela realizou, apesar de a criança ainda ser muito nova para entender todo o valor simbólico dessa viagem. Como sabia que a jornada seria muito cansativa, preparou uma caixa de isopor cheia de guloseimas. Graziela se farta com o conteúdo da caixa assim que sente os primeiros indícios de fome. A noite era clara, a lua cheia reluzia através do contorno das copas das árvores que marcavam o cume dos

morros. Alguns passageiros suspiravam fundo, em sinal do tédio embebido pelo cansaço.

Em uma parada no ponto de apoio próximo ao estado do Espírito Santo, o motorista questiona-me se eu era fiscal da empresa de ônibus. Inicialmente, fico intrigado com a pergunta e não consigo compreendê-la, mas aos poucos percebo que ele me pergunta se eu estou analisando o seu desempenho como motorista, pois percebeu que eu conversava com os outros passageiros e tirava fotos ao longo da viagem. Sinto-me atônito e não consigo responder à pergunta. Ele vem em minha direção com um olhar severo, dizendo que em algumas viagens alguns fiscais já foram parar no hospital ao saírem do veículo “a base da porrada”. Rapidamente, tento desfazer o mal entendido, falo sobre o deslocamento e as possibilidades de criação e que não possuo nenhum vínculo com a empresa na qual ele trabalha. Ressabiado, ele acende o cigarro e diz para eu entrar, pois já era hora de partir. Segue-se uma tensão que aumenta a cada quilômetro e faz com que eu fique recluso em meu assento, nutrindo sentimentos de revolta e apatia até o meu destino final.



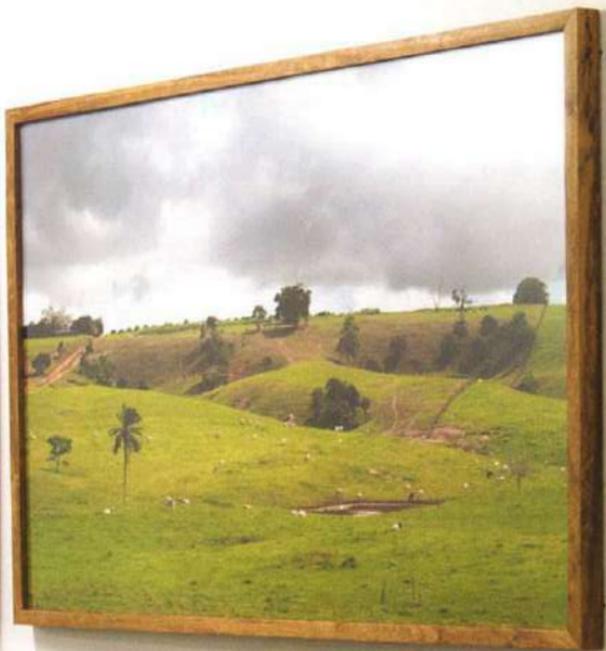


Intervenção realizada na Sala de espera da Estação Rodoviário de Porto Alegre.
24 de setembro a 27 de outubro de 2013.









Agradeço a todas as pessoas que cruzaram meus caminhos ao longo das viagens realizadas e fizeram com que esse projeto se transformasse a cada conversa e história narrada. Não poderia deixar de mencionar o nome de todas as pessoas que com muita generosidade contribuíram para o projeto: Adriana Tazima, Anderson Guerreiro, Carina Dias, Carla Borba, Eng. Ricardo Moreira Nunez, Equipe do condomínio da Veppo, Fabrina Camilotti, Fernanda Scopel, Gabriela Farias da Silva, Hugonir de Souza Rodrigues, Laura Schuch, Margarete Remtel, Rosângela Dutra de Ávila, Niura Borges, Leocádia Costa, Vera Rodrigues e Viviane Possa.

Rafael Pagatini nasceu em Caxias do Sul - RS, em 1985. É artista plástico, pesquisador e professor na Universidade Federal do Espírito Santo.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO – CIP
(Alexandre Demétrio , CRB10/1519)

P131c PAGATINI, Rafael

Conversas com a paisagem / Rafael Pagatini. - Vitória : UFES, 2013.
116 p. : il. color.

ISBN 978-85-7772-165-8

1. Artes plásticas. 2. Arte contemporânea. I. Pagatini, Rafael. II. Título.

CDU 73/77 (81)

Distribuição gratuita.

Proibida a venda.





EDUFES

ISSN 978-85-7772-159-7



9 788577 721597 >

APOIO


GRÁFICA DISSÊIA


vEppo

APOIO CULTURAL


mamute
multigêneros

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Esta obra foi selecionada pela Bolsa Funarte de Estimulo à Produção em Artes Visuais 2012.